



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS DE LARANJEIRAS**  
**NÚCLEO DE TEATRO**

**CAROLINE LOUREIRO BORGES**

**LINDOLFO AMARAL E O ENSINO DE**  
**TEATRO EM ARACAJU**

**LARANJEIRAS/SE**

**2013**

CAROLINE LOUREIRO BORGES

**LINDOLFO AMARAL E O ENSINO DE  
TEATRO EM ARACAJU**

Monografia submetida ao Núcleo de Teatro da  
Universidade Federal de Sergipe em cumprimento  
parcial ao requisito para obtenção do grau de  
Licenciado em Teatro sob orientação do Prof<sup>o</sup>Msc.  
Celso Oliveira Jr.

LARANJEIRAS/SE

2013

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

**CAROLINE LOUREIRO BORGES**

## **LINDOLFO AMARAL E O ENSINO DE TEATRO EM ARACAJU**

Monografia de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe.

DATA DA APROVAÇÃO \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**PROFESSOR Ms. CELSO OLIVEIRA JÚNIOR  
ORIENTADOR**

---

**PROFESSORA Ms CAROLINA NATURESA  
1º EXAMINADOR**

---

**PROFESSOR Ms AMANDA STEINBACH  
2º EXAMINADOR**

**LARANJEIRAS/SE**

**2013**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia ao meu lindo filhinho e ao meu amado marido...

Muito amor pela família que construímos!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar àquele que verteu seu sangue na cruz por mim. Por tudo o que tens feito por tudo o que vais fazer, por tuas promessas e tudo que és, eu quer te agradecer com todo o meu ser. A ti Senhor Jesus, eu agradeço pela salvação, pelo dom da vida;

Agradeço a minha mãe pela dedicação diária;

Ao meu marido que esteve sempre ao meu lado me apoiando e sendo meu suporte, que em meio a noites mal dormidas e choros de bebê esteve sempre comigo;

Ao meu irmão sobrinho Vinicius por toda a ajuda;

Aos meus amigos do CRAS por acreditarem em mim;

Aos meus amigos de curso, que foram se mesclando ao longo dos anos de idas e vindas de Universidade até minha formação;

Agradeço ao professor Airton. Que ainda no CAIC me deu muito apoio e orientações;

Ao grupo Imbuaça que muito colaborou em meu alicerce, em especial Iradílson Bispo, Manuel Cerqueira e Tetê Nahas;

Agradeço a todos os entrevistados, pessoas que me trataram maravilhosamente bem, dentre eles Rogério Alves, Kamilla Vieira, André Leôncio, Patrícia Brunet, Cleidianne Moraes;

Agradeço aos meus amigos de JOCUM (Jovens Com Uma Missão) que sei que sempre estiveram na torcida por mim, intercedendo ao lado do Criador nos meus momentos mais críticos.

Seria ingrato de minha parte não suscitar todo o corpo docente que contribuiu significativamente neste ciclo de minha vida, grata a Sandra Raquel, Fernanda, José Marcelo, Lindolfo Amaral, Mateus Shimith, Leilane Sena, Daniel Damásio, Alexandra Dumas, Tarcísio Tavares, Celso Jr., Beto Laplane, Nete Benevides, Mayra Santos, Maicyra Leão.

Faço um Agradecimento em especial ao meu orientador Celso Jr. e a Lindolfo Amaral, que contribuíram me orientando nesse momento tão peculiar de minha jornada enquanto aspirante a professora;

Agradeço a todos os professores que passaram em minha vida, que de alguma maneira contribuíram para a minha formação, que me mostraram o caminho que iria trilhar.

E por fim agradeço ao meu filhinho lindo, sua companhia permanente ao meu lado, que mesmo me fazendo parar diversas vezes era o meu incentivo. Agradeço por sua existência ao meu lado, ao amor que ele em sua inocência e pouco tempo de vida me proporciona, sem ele eu não seria uma pessoa tão realizada, sem ele escrever TCC não teria tanta importância, pois minha jornada não teria tanto sentido.

Há quem diga que todas as noites são de sonhos.  
Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.

Mas no fundo isso não tem muita importância.  
O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.

Sonhos que o homem sonha sempre.  
Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.

(Shakespeare)

## **RESUMO**

A presente monografia procura registrar a relevância que teve a figura ilustre de Lindolfo Amaral, para o ensino de teatro na cidade de Aracaju. Contribuindo para a construção de uma história em que une teatro e educação e que preenche um pouco mais da lacuna referente à nossa história. Através de entrevistas com antigos alunos e com o próprio Lindolfo Alves do Amaral, embasando-se também na contribuição do ensino de teatro para a educação.

**Palavras-chaves:** Lindolfo Amaral, Teatro, Ensino, Educação, Democratização.



## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Elenco do grupo Imbuaça no espetáculo *Teatro Chamado Cordel*, na cidade de Laranjeiras no ano de 1983, foto extraída do livro “A construção da memória Imbuaça 30 anos”, página 42.

**Figura 2:** Lindolfo Amaral no espetáculo *Chico Rei*, na cidade de sede do grupo Imbuaça no ano de 1995, foto extraída do livro “A construção da memória Imbuaça 30 anos”, página 90.

**Figura 3:** Foto de divulgação do folder do espetáculo *Desvalidos*. Da Esquerda para a direita: Lindolfo, Isabel, Diane e Valdice. Foto extraída do livro: *A construção da memória Imbuaça 30 anos*.

**Figura 4:** *Desvalidos*. Foto do elenco, extraída do livro: *A construção da memória Imbuaça 30 anos*.

**Figura 5:** Lindolfo Amaral em *O mundo tá virado*. Foto extraída do site :

<http://www.flickr.com/photos/willemarcel/257930385/in/photostream/lightbox/>

**Figura 6:** Espetáculo *As irmãs tenebrosas*. Foto extraída do livro *A construção da memória Imbuaça 30 anos*. Página 65

**Figura 7:** A farsa dos opostos, em 1994. Foto extraída do livro *A construção da memória Imbuaça 30 anos*, página 149.

**Figura 8:** Apresentação do espetáculo *Morte e Vida Severina*. (Acervo pessoal )

.

**Figura 9** Projeto *Nosso Palco é a rua*. Foto da aula de Iradílson Bispo.

**Figura 10:** Projeto *Nosso Palco é a rua* . Foto do mural interno.

**Figura 11:** Foto do espetáculo *Pátria que me pariu*. Grupo Catabambos no hall da Faculdade Sergipana (FASE) (acervo pessoal)

**Figura 12:** Rogério Alves colocando a placa da antiga sede do Grupo Boca de Cena.  
(acervo do grupo)

**Figura 13:** Grupo Boca de Cena, espetáculo Folclore na cabaça. Apresentação na praça Fausto Cardoso em 2011. (acervo do grupo)

**Figura 14:** Grupo Boca de Cena, espetáculo Folclore na cabaça. Foto atual de divulgação do espetáculo. (acervo do grupo)

# SUMÁRIO

<b>1 Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>2 Capítulo I - Sobre Lindolfo Amaral .....</b>	<b>16</b>
2.1 Percurso de vida.....	16
2.2 Percurso artístico/ formação.....	17
2.3 Percurso artístico / grupo .....	19
<b>3 Capítulo II – A força do ensino do teatro .....</b>	<b>24</b>
3.1 O objeto de estudo e sua inserção no ensino.....	26
3.2 Projetos que marcaram vidas.....	28
3.2.1 Projeto <i>A escola que eu tenho a escola que eu sonho</i> .....	29
3.2.2 Projeto <i>Oficina Brechtiana</i> .....	31
3.2.3 Projeto <i>Nosso palco é a rua</i> .....	34
3.3 Alunos que formam alunos.....	37
3.3.1 Lindolfo e a UFS.....	37
3.3.2 Sementes que dão frutos.....	38
<b>5 Considerações finais .....</b>	<b>44</b>
<b>6 Referencias .....</b>	<b>46</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A coragem de desafiar o mundo através dos contrários. A ânsia de romper paradigmas e a determinação por um sonho. Com sua formação inicial em Ciências Biológicas num período em que não se tinha mercado para teatro, este ilustre Sergipano resolve ignorar sua formação acadêmica e lutar por um sonho. Após 30 anos Lindolfo Amaral tornou-se sem qualquer sombra de dúvidas, um dos maiores expoentes da Produção Cultural Sergipana. Aluno do Diretor Eugênio Barba, na Escola Internacional de Teatro Antropológico<sup>1</sup>, sessão ISTA, realizada no Brasil em 1994. Membro do grupo Imbuença difundiu o teatro sergipano até em outros países.

Esta monografia partilha de uma outra visão sobre esse artista, a de educador e de professor de teatro. Seu nome aliado com a arte teatral não pode ser desvinculado da educação ou democratização. Lindolfo enquanto artista e educador, difusor do ensino de teatro em Aracaju. Portanto o objeto deste trabalho foi expor a trajetória do artista/educador Lindolfo Amaral.

Através de pesquisa oral com o próprio Lindolfo Amaral e com diversas pessoas que tiveram contato com esse mestre. Tendo em mãos um questionário previamente estabelecido como instrumental afim de registrar o impacto que Lindolfo causou na vida de alguns alunos. Não foi utilizado um método único na pesquisa e sim diferentes procedimentos, uma vez que:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. “Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.” De acordo com Meihy (2005), é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação. (DELGADO, Lucila. 2006).

<sup>1</sup>A Antropologia Teatral proporia uma prática teatral na qual o ator enfrentaria a busca de sua própria identidade, que se manifestaria por meio do exercício de seu ofício. O teatro antropológico sublinharia a unicidade do indivíduo, ou do ator, por isso permitiria perceber a identidade de cada grupo e de cada horizonte histórico-cultural. O Teatro antropológico só será possível se o grupo faz de sua prática cotidiana um ponto de partida para uma viagem de prospecção pela história e pela cultura. O teatro antropológico visa à percepção de polaridades, como nos diz Barba: “por um lado, a pergunta ‘quem sou eu’, como indivíduo de um determinado tempo e espaço; e por outro, a capacidade de intercambiar respostas profissionais, em relação a essa pergunta, com pessoas estranhas e longínquo no tempo e no espaço” (Barba, 1991, p. 189).

Esta monografia foi dividida em dois capítulos abordando os seguintes temas: O primeiro descreve o indivíduo Lindolfo Amaral no seu percurso de vida, na sua formação e na sua trajetória no grupo Imbuça. Da importância deste grupo para o cenário artístico Sergipano e seu destaque Nacional.

No segundo capítulo coloca-se em foco a força do ensino de teatro, sua contribuição para a educação destacando três projetos que Lindolfo Amaral conduziu. O primeiro projeto é a oficina de teatro que Lindolfo ministrou no Colégio Estadual Presidente Costa e Silva *A Escola que eu tenho e a Escola que eu sonho*, enquanto professor de Cultura Sergipana. Durante a semana dedicava-se as aulas como docente da escola, aos sábados ensaiava a montagem de um grupo escolar de teatro, trabalhava temas pertinentes à juventude, utilizando o teatro como um meio, e ao mesmo tempo possibilitando aos alunos daquela escola um contato direto com o objeto artístico.

O segundo projeto que destaca-se é a oficina Brechtiana no Teatro Lourival Baptista, um curso bastante curto que culminou com a montagem do texto <sup>2</sup>*Morte e Vida Severina* de João Cabral de Mello Neto, o diferencial desta oficina estava no enfoque no estudo do texto, a preocupação com a compreensão dos “atores” e não apenas no simples “representar”.

O terceiro, e talvez mais importante, o projeto *Nosso Palco é a rua*. Um curso de dois anos, com aulas teóricas e práticas, com apreciações artísticas, tanto em teatro de palco Italiano como teatro de rua e até viagens para os alunos conhecerem diferentes manifestações artísticas como, por exemplo, a viagem para a Festa do Lambe-sujo<sup>3</sup> na cidade de Laranjeiras.

<sup>2</sup> Morte e vida Severina é um livro em alusão ao sofrimento enfrentado pela personagem principal, Severino. Apresenta-se em forma de poema dramático que relata a dura trajetória de um imigrante nordestino em busca de uma vida mais fácil e favorável no litoral.

<sup>3</sup> O lambe sujo é uma manifestação cultural que acontece em algumas cidades, neste caso especificamente em Laranjeiras. Nele ocorre a batalha entre negros e caboclinhos, após o sequestro da princesa dos índios. O lambe sujo para alguns é considerado como um folguedo, podendo ser tido como o maior espetáculo teatral do mundo, pois toda a cidade se torna um palco, e as pessoas ali inseridas passam a fazer parte do espetáculo, ao participar da festa os brincantes sujam a todos com mel de cabaú, os tornando assim negros guerreiros. Além dos negros e índios, como personagens aparecem a princesa, a mãe Suzana e os feitores.

*Nosso Palco é a rua* foi o primeiro curso de teatro em Sergipe, com grade curricular, carga horária acima de 360 horas, que envolveu teoria e prática, além de um resultado indiscutível. Basta observar o que maioria dos alunos estão fazendo e quais eram as suas perspectivas de vida antes do curso.  
(Amaral, Lindolfo Aracaju 18/02/2013)

O trabalho é concluído apontando de forma direta o impacto que seus projetos e aulas causaram na vida de seus alunos. Apresenta Lindolfo e a Universidade Federal de Sergipe, as suas conduções das aulas no curso de Artes visuais<sup>4</sup> e a inserção do curso de Licenciatura em teatro, onde além de consultor foi professor, destacando-se seus alunos que se tornaram diretores, professores, atores, culminando até com a formação de grupos teatrais.

Buscou-se perceber a relevância de Lindolfo no ensino de teatro no tocante a contribuição como educador, diretamente na vida de seus educandos; No número de jovens alcançados por suas aulas e na multiplicação desse conhecimento através da formação de novos professores de teatro, projetos de ensino que seus ex alunos como profissionais da arte montaram após as oficinas e aulas que ele ministrou.

Existem nomes que já se tornaram como signos para mim, se alguém fala de cultura Sergipana me vem a imagem de Aglae Davila<sup>5</sup>, da mesma forma que quando falam em ensino de Teatro vejo Lindolfo Amaral. E se alguém questionar a importância que ele tem neste âmbito só é procurar a quantidade de alunos (de teatro) que ele já teve, onde eles estão e o que estão fazendo. Somos artistas, professores, agentes multiplicadores. Lindolfo Amaral é sem sombra de dúvidas o maior nome no ensino de teatro aqui em Aracaju.  
(Brunet, Patricia. Aracaju 20/02/2013)

Esta pesquisa se limitou à cidade de Aracaju, apesar de Lindolfo Amaral não ter se limitado a um único espaço, para não ser abrangente e sim adotar o corte espaço tempo, uma vez que o sujeito estudado desenvolveu suas ações a partir de 1970.

<sup>4</sup>A Universidade Federal de Sergipe possuía apenas o curso de Artes Visuais para quem pretendesse se licenciar como arte-educador. Apenas em 2007 foi implantando os demais cursos.

<sup>5</sup>Aglae D'Avila dedicou-se a cultura sergipana desde a década de 1950, à frente de diversos grupos teatrais, participou da organização do FASC, escreveu diversas peças, e tornou-se uma das maiores pesquisadoras e escritoras sobre cultura Sergipana.

Assim como afirma Patrícia Brunet<sup>6</sup> em seu discurso, através das respostas dos seus ex-alunos e da expressividade destes no âmbito cultural, observa-se a resposta das indagações, das expectativas desta monografia. Lindolfo alcançou um nome expressivo de alunos que continuam multiplicando esse saber.

Para Lindolfo o aluno não é um ser passivo no processo de ensino, mas o agente responsável por sua formação, daí é fácil compreender como esse ensino não se perde e como ele germina em outros saberes, em outros projetos.

<sup>6</sup>Patrícia Brunet é atriz, formada em teatro pela UFS. Possui como objeto de estudo a professora Aglaé D'Avila. Ela participou tanto da oficina no Teatro Lourival Baptista como também do projeto Nosso palco é a rua, atualmente faz parte do grupo Boca de Cena.

## **2 I – SOBRE LINDOLFO AMARAL**

### **2.1 I – PERCURSO DE VIDA**

Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

João Guimarães Rosa/ Grande Sertão: Veredas

Lindolfo Alves do Amaral Filho nasceu em Itabaiana, no dia 16 de agosto de 1955, depois veio morar em Aracaju e logo em seguida foi para Caruaru (PE), onde fez o curso primário, nas Escolas Barão do Rio Branco e Professor José Leão.

Sua infância foi rica de informações sobre a cultura popular, ainda quando criança pode ter contato nas feiras livres de sua cidade com a literatura de cordel. Onde iniciou suas experiências no tocante ao teatro. Assistia aos cantadores contarem histórias através de seus folhetos de cordel.

Retornou à Aracaju em 1970 e foi estudar no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, onde fez o curso ginásial, e na Escola Técnica Federal de Sergipe, onde fez o curso eletrotécnico.

Em 1978 fez vestibular na UFS, onde passou no curso Licenciatura em Ciências Biológicas e concluiu no primeiro semestre de 1983. Logo em seguida foi fazer uma Pós Graduação em Arte-Educação, com especialização em Teatro, em João Pessoa, na UFPB. Concluiu em 1985. O Professor Filipe Serpa, convidou-o para participar de uma Pós-Graduação em Administração Cultural na UFBA, em convênio com a OEA. Ao concluir, foi selecionado para fazer estágio na cidade do México, em 1987.

A minha infância foi rica em informações sobre a cultura popular. Morei na cidade de Caruaru/PE, ao lado de uma das maiores feiras livres da região. Lá permaneci até os meus 14 anos e mantive os meus primeiros contatos com a literatura de cordel, o pastoril e o teatro popular. Meus pais estimulavam a ida ao cinema pelo menos uma vez por semana, a compra de revistas em quadrinhos – os famosos gibis. Foi também o período que tive os primeiros contatos com o teatro. Já



ouviam falar em Ariano Suassuna e Vital Santos. Em 1968, a cidade recebeu a visita de diversos atores para as filmagens do *Auto da Compadecida*. Eles passeavam pela feira e as pessoas paravam para admirar aquela gente (Regina Duarte, Armando Bogus, Antônio Fagundes, dentre tantos outros). João Ferreira de Lima e outros poetas vendiam seus folhetos de cordel. O público parava fazendo uma grande roda para ouvir as histórias fantásticas, fatos do cotidiano e as últimas notícias do país. Nesse universo aprendi a respeitar bem como a valorizar a raiz popular. (Amaral Lindolfo, Aracaju 2/2/2013)

## **2.2 I PERCURSO ARTÍSTICO / FORMAÇÃO**

O teatro surgiu na infância, na cidade de Caruaru, quando frequentava o Convento dos Capuchinhos. Ao chegar a Aracaju, em 1970, teve contato com outra realidade, porém a feira tinha algo familiar que ele já conhecia. Já aos 15 anos começou a dar os primeiros passos no curso ginásial do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, o qual dispunha de um teatro.

O teatro Atheneu me proporcionou contato com grande produções, de vez em quando, entrava sem pagar e ficava quietinho assistindo aos espetáculos, foram muitos dentre eles lembro-me de Esperando Godot, direção de Antunes Filho e no elenco: Eva Wilma, Lília (Amaral, Lindolfo Aracaju 1/03/2013)

Diante deste discurso podemos entender um pouco o porquê de Lindolfo lutar tanto pela democratização da arte, soube em sua própria pele o que era almejar ter esse acesso. Como o próprio gosta sempre de enfatizar ao dizer que as pessoas não podem gostar do que não conhecem, Lindolfo teve a oportunidade, ou melhor: Ele criou a sua própria oportunidade.

O Festival de Arte de São Cristóvão, criado em 1972, possibilitou o acesso aos grupos de teatro, às oficinas e às grandes produções artísticas. Porém, somente em 1977, aos 22 anos, começou definitivamente a fazer teatro. Trouxe consigo a bagagem da infância e o desejo de fazer teatro popular. Com as oficinas de José Francisco/PE, Luiz Carlos Ripper/RJ e Aderbal Freire Filho/RJ, em 1978 entrou no Grupo Imbuça, onde permanece até hoje.

Mesmo sem ter como sua formação acadêmica inicial o teatro, Lindolfo

Amaral dedicou-se intensamente ao estudo das artes. Em 1982, participou no Rio de Janeiro, de um curso com o saudoso diretor pernambucano Luiz Mendonça. Foram 45 dias de muita troca de experiências com atores e diretores de diversos estados brasileiros. Esse trabalho fez parte da programação do Projeto Mambembão<sup>7</sup>/1982, que tinha o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro. Lá recebeu a sua primeira crítica teatral. Em 1984 foi estudar em João Pessoa/PB, com os professores Luiz Filipe Serpa, Ingrid D. Koudela, Silvana Garcia e Ana Mae Barbosa, no curso de pós-graduação em Arte-Educação, com especialização em Teatro. A monografia apresentada no ato da conclusão dava os primeiros passos aos estudos da presença do cordel na dramaturgia brasileira.

Em 1985, a convite do professor Filipe Serpa, foi para a UFBA, cursar pós-graduação em administração cultural. A turma, formada por 15 brasileiros e 15 estrangeiros, vindos de diversos países da América Latina, era bastante heterogênea, porém a grande característica estava no processo de auto-gestão desenvolvido pelo o coordenador do curso. Em seguida viajou para cidade do México (1987), para desenvolver um estágio de conclusão, do mencionado curso. Passou então, não só a ser um fazedor de cultura, mas também um investigador desta. Eugênio Barba foi uma descoberta no final da década de 1980, quando participava de uma série de festivais em São Paulo. Em 1994, teve a oportunidade de estudar com ele dentro da ISTA - Escola Internacional de Teatro Antropológico.

Em 2005 concluiu seu mestrado em Artes Cênicas, na Universidade Federal da Bahia, porém cursou disciplinas como aluno especial na ECA/USP, com os professores Eudénir Fraga e Clóvis Garcia. Atualmente é doutor em Artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Por ser um pesquisador da cultura popular Lindolfo Amaral corriqueiramente é convidado a ministrar palestras pelo Brasil.

<sup>7</sup>O Mambembão foi um projeto desenvolvido pelo S.N.T. Serviço Nacional de teatro no final da década de 1970 e início de 1980, cujo objetivo era levar grupos e produções artísticas das regiões brasileiras para se apresentar em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília.

Tenho sido convidado para participar de eventos nas áreas de Cultura Popular e de Teatro. Sempre que possível ministro oficinas de teatro de rua pelo Brasil, a exemplo das que foram realizadas em Rio Branco (AC) em 1993 e alguns grupos de teatro de rua daquele estado surgiram a partir dela. (Amaral, Lindolfo 12/04/2012)

## **2.3 I PERCURSO ARTÍSTICO/ GRUPO**

A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós...

Manoel de Barros

Lindolfo Amaral entrou definitivamente no Imbuaça em janeiro de 1978. O grupo havia sido formado há apenas um ano, em 1977 quando o grupo Imbuaça teve contato com o teatro Livre da Bahia, formado por jovens estudantes, em sua maioria de baixa renda, que utilizavam o teatro como ferramenta de propagação de suas ideias e enfrentamento de autoridades de lá também conheceram a maior e mais duradoura influencia o potiguar João Marcelino.

Em sua formação inicial possuía 8 jovens fundadores: José e Antônio do Amaral, Cicero Alberto, Maria das Dores, Virginia Lucia, Francisco Carlos, Pierre Feitosa e Maurelina Com o passar do tempo, dedicaram-se ao estudo do teatro, dança, musica, tendo enfoque na pesquisa da literatura de cordel e elementos da cultura popular, buscando-as como elementos fundamentais para a construção de sua dramaturgia. Diversos mestres da cultura popular contribuíram com a sua estética, como Mestre Euclides, Dona Lalinha, Dona Alzira, Seu Oscar, Amir Hadad, Ivaldo Bertazo, dentre outros. Aos poucos o grupo foi ganhando seu espaço, tornando-se hoje um dos maiores grupos de teatro de rua do Brasil.

A atual formação do grupo conta com Isabel Santos, Manoel Cerqueira, Iradilson Bispo e Lindolfo Amaral. Desde sua formação diversos nomes do teatro Sergipano passaram pelo Imbuaça, como a atriz bailarina Tetê Nahas e o diretor, ator e produtor cultural Tonhão. Em 1999 o grupo Imbuaça pode ter em cena a atriz com renome nacional Marília Pera no espetáculo Além da Linha d'água. Para preencher o elenco dos espetáculos atuais, o grupo convida ex alunos para fazer testes, uma forma de oportunizar jovens atores e atualizar o elenco dos espetáculos.

Rogério<sup>8</sup> Alves em sua monografia *O Projeto Artístico como ferramenta educacional para a produção de cidadania: O caso do projeto *Nosso Palco é a rua**, diz acreditar que a firmeza parece ser a marca do grupo Imbuça, além de evidenciar o papel de Lindolfo Amaral por ter sido o proponente desse projeto.

Desde sua entrada Lindolfo Amaral tem participado do elenco de quase todos os espetáculos alguns na condição de ator, a exemplos dos espetáculos *Teatro chamado Cordel*, *Chico Rei*, *Desvalidos*, *A grande Serpente*. Outros na condição de diretor, como *A gaiola*, *As irmãs tenebrosas*.



**Figura 1 ( *O teatro chamado cordel*, 1983)**

<sup>8</sup> Rogério Alves foi aluno de Lindolfo Amaral no Projeto *Nosso Palco é a rua*, formou-se em teatro pela Universidade Federal de Sergipe no curso de Licenciatura em Teatro, e estuda elaboração em projetos pelo Ministério da Cultura, atualmente é diretor do grupo teatral Boca de Cena.



**Figura 2** (*Chico Rei, 1995*)



**Figura 3** (*Desvalidos*)



**Figura 4** (*Desvalidos*)



**Figura 5** (*O mundo tá virado*)



**Figura 6** (*As irmãs tenebrosas*)



**Figura 7** (*A farsa dos opostos*)

Apesar de muitas correntes acreditarem que o professor de Arte não precisa ser um “artista” Para Lindolfo a experiência artística é imprescindível na sua formação, pois este passa a ter um contato empírico que o dá propriedade na hora de ensinar, ele não



passa apenas conceitos ou ideias, utiliza sensações que de fato conhece.

### **3 - II – A FORÇA DO ENSINO DE TEATRO**

O ensino de arte está intrinsicamente ligado à sociedade moderna e contemporânea. Qualquer adolescente ou jovem diz ter “estudado artes”, esse entendimento parte por conta de que existia na grade curricular a disciplina Educação artística. Porém, ao analisarmos a “qualidade” dos conteúdos é quase que unânime a falta de eficácia e aplicabilidade desta disciplina. Basicamente os “professores de artes” limitavam-se a dizer aos alunos para desenhar. Não existia uma contextualização, um objetivo. Esta afirmação parte de perguntas sobre ensino de artes para os atuais alunos da Universidade Federal, que entre 40 jovens apenas 2 tiveram realmente ensino de arte enquanto alunos de educação básica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos apontam que mesmo na cultura atual, de certa maneira a relação entre arte e ciência apresenta-se de diferentes maneiras, nos séculos que se sucederam ao Renascimento, arte e ciência eram coladas com um enorme distanciamento, como se fizessem parte de áreas diferentes, segundo a qual a ciência seria produto do pensamento racional e a arte, pura sensibilidade. A sociedade tentava separar, sensibilidade, mente e até corpo. Como se fosse possível desvincular ciência de imaginação, arte de conhecimento e corpo da mente. E ainda dando uma maior importância para a ciência, renegando as artes a produtos estéticos de pura apreciação. É através da interação da cultura e do processo de identificação e diferenciação social entre os indivíduos e grupos que se dá as mobilizações sociais vinculadas à ação educativa, onde envolva educador-educando e o seu reflexo no processo do comportamento cidadão. Os processos das relações sociais e concomitantemente as exigências destas na conduta tem trazido para a cultura atual uma valorização mais acentuada para o ensino das artes. O conhecimento abrange tanto o homem que apreende a realidade de forma poética como do que o pensa cientificamente. Há uma tendência cada vez maior nas investigações contemporâneas no sentido de dimensionar a complementaridade entre arte e ciência, trabalhando a ideia paradoxal de diferenciá-las ao mesmo tempo integrando-as.

Um exemplo disso foi a implantação, em 1972, da lei 5.692, a qual estabelecia que a disciplina Educação Artística fosse lecionada nas escolas. Porém a ausência de



estrutura para aplicar tal lei, não a tornou muito eficaz, uma vez que não havia mão de obra qualificada para ministrar a nova disciplina, onde professores de outras disciplinas como História, Português, Matemática atuavam complementando sua carga horária.

Atualmente tenta-se novamente mudar essa realidade, agora com a disciplina Arte, bem como a reforma da LDB em 1996 com cursos das diversas áreas artísticas como teatro, dança e música, sendo implantados em todo o país. Como aconteceu aqui na Universidade Federal de Sergipe no ano de 2007. Porém, após quase seis anos de curso, com duas turmas formadas e com um concurso já executado o número de professores chamados não corresponde às necessidades das Escolas Públicas. Isso nos leva a crer que o estado, do ponto de vista geral, não se preocupa com o fato de que a arte pode ser usada como um instrumento de ensino. Por outro lado, não podemos negar que ocorreram algumas mudanças significativas. Como a redação do 15º 2º no parágrafo 26 da LDB que diz que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Vemos assim, que os passos ainda são curtos, mas já começaram a ser dados.

A arte é um amadurecimento significativo, uma evolução, uma ascensão que nos torna capazes de emergir da escuridão para a luz fantástica. Lutamos, então para descobrir, experimentar a verdade sobre nós mesmos; rasgar as máscaras atrás das quais nos escondemos diariamente. Vemos o teatro – especialmente no seu aspecto palpável, carnal- como lugar de provação, uma transformação de ator, e também, indiretamente, de outras pessoas

(Grotowski 1971. P.199).

Segundo os PCN (parâmetros curriculares nacionais) a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Seja dentro na sala de aula, ou num projeto de cunho artístico-pedagógico o teatro amplia o campo de comunicação entre os indivíduos. E este é um dos campos de possibilidades do teatro em sala de aula.

### **3.1 II – O OBJETO DE ESTUDO E SUA INSERÇÃO NO ENSINO**

O principal objetivo da educação é criar indivíduos capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.

Os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>9</sup> apontam que aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

Como tendo licenciatura em sua formação inicial ao mesmo tempo estando carregado de experiências artísticas, ter o ensino da arte como uma das suas ferramentas seria inerente a sua carreira. Lindolfo Alves do Amaral passou a enxergar na arte uma ferramenta para a transformação, para uma comunicação eficaz com seus alunos. Lindolfo começou a dar aula no Colégio Estadual Presidente Costa e Silva, sua disciplina não era a de sua formação inicial, lá não ministrava biologia e sim Cultura Sergipana, arte e cultura sempre estiveram ligadas, assim ele podia conduzir seus alunos por caminhos bem conhecidos por eles.

<sup>9</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais são referenciais de qualidade elaborados pelo Governo Federal em 1996. Essas diretrizes são voltadas, sobretudo, para a estruturação e reestruturação dos currículos escolares de todo o Brasil - obrigatórias para a rede pública e opcionais para as instituições privadas. Ou seja, o objetivo principal dos PCN é padronizar o ensino no país, estabelecendo pilares fundamentais para guiar a educação formal e a própria relação escola-sociedade no cotidiano.

Me lembro que íamos a exposições, apresentações de cultura popular, bem diferente do que eu esperava que era ficar em sala de aula escrevendo. Uma vez minha irmã quebrou uma obra de arte e disse a Lindolfo que tinha quebrado um vaso do amigo dele, naquela época éramos bem imaturas e o artista não gostou nada de ouvir minha irmã chamando de vaso, mas Lindolfo soube nos explicar e contornar a situação. Não adiantava querer “empurrar” algo para nós, e ele entendia e sempre tentava explicar. E o “vaso” minha irmã teve que fazer uma rifa na escola para poder pagar (risos)  
(Silva Joyce Marianne 27/02/2013)

Lindolfo Amaral ao lado do grupo Imbuaua promovia o projeto *Zabumbadores do folclore* (de 2001 a 2006), que acontecia na última semana do mês de agosto, reunindo os grupos folclóricos de Sergipe, na Colina do Santo Antônio, onde estava sediado o Grupo. O objetivo era criar um diálogo entre a cultura popular e a comunidade. Como professor de Cultura Sergipana era o momento de proporcionar a contextualização do que “ensinava” em sala de aula. Assim Lindolfo conduzia seus alunos a ter este contato, em forma de trabalho escolar, a proposta era entrevistar os brincantes dos grupos e apresentar seminários sobre o que haviam vivenciado.

Se desejarmos que uma geração venha a sentir orgulho de suas tradições e se queremos que ela esteja ligada às suas raízes populares compreendendo o valor artístico do povo, devemos despertá-la desde cedo, para assim estabelecer o ciclo vital da cultura.

(FONTES. Aglaé, Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 anos)

A experiência nascia no contato direto com o ambiente, por meio de envolvimento orgânico com ele, seus alunos podiam se envolver com os grupos, conhecer e “aprender a valorizar”, cuja metodologia era denominada “vasos comunicantes”.

Lindolfo preocupava-se também em enfatizar que o projeto não resgatava a cultura popular, mas sim se apropriava dela. Pois o termo apropriar é assumir como seu, ser parte da manifestação. O entendimento desta verdade era bastante interessante para jovens em formação.

Antônio Carlos dos Santos ao abordar as linhas gerais da filosofia da educação em Locke afirma que o ponto de partida do pensamento epistemológico de Locke, é a ideia de que não existe conhecimento inato, ou seja, o homem conhece a partir das experiências. Sendo assim, se o homem conhece a partir das experiências, partimos para o raciocínio de que “somos produto do meio em que vivemos”, mas, com o ideal de que somos agentes modificadores de nossa realidade. Assim, conhecendo as manifestações e apropriando-se delas o jovem passava a ter uma compreensão sobre a sua própria história, suas raízes, que diversas vezes fora esquecida por nossa sociedade atual.

### **3.2 II – PROJETOS QUE MARCARAM VIDAS**

Lindolfo sempre acreditou na educação como um instrumento de transformação, por isso, muitos dos seus projetos de oficinas e cursos eram pautados na arte como um instrumento de democratização. Pois as oficinas ministradas eram abertas e não cobrava taxa ou qualquer outro pagamento.

Ministrou oficinas no país:

- Rio Branco/Acre - 1993
- Maceió/Alagoas - 1995, 2001 e 2005
- Macaíba/RN - 1996
- Fortaleza/Ceará - 1998
- Belém/Pará - 2002
- Vitória/ES - 2005
- Garanhuns/PE - 2005
- São Paulo/SP - 2005
- Itauna/MG - 2005
- Natal/RN – 2008

Em Aracaju também ministrou diversas oficinas, e aqui destaca-se três que acreditamos ser de bastante relevância para o ensino de teatro. O projeto *A Escola que eu tenho e a Escola que eu sonho* no Colégio Estadual Presidente Costa e Silva, a oficina *Brechtiana* no teatro Lourival Baptista e o projeto *Nosso Palco é a rua*, realizado na sede do grupo Imbuça, que refletem de maneira clara as aspirações de Lindolfo Amaral, compreendidas ao longo deste estudo.

O mais interessante é destacar que diferente de outros projetos, sua visão não limitava-se à apropriação da arte como um instrumento de transformação social, ele proporcionava aos alunos um contato empírico com o objeto artístico, nunca subestimando o potencial de seus alunos, com Lindolfo a arte tinha força nela mesma e todos (quando oportunizados) seriam capazes de produzi-la.

Sabe-se, hoje, que a principal característica que distingue o ser humano das outras espécies animais é o uso social de signos para a comunicação, controle, organização e transformação de seu comportamento.

“Esse uso de símbolos como instrumento pedagógico afeta de forma irreversível o funcionamento mental humano, bem como a estrutura das relações entre pessoas intra e interculturalmente ”  
(Vygotsky 1987 e 1998)

Importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos em sua especificidade estética, o teatro passou a ser conhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando as dimensões sensório-motora, simbólica, efetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana.

### **3.2.1 II – PROJETO A ESCOLA QUE EU VIVO E A ESCOLA QUE EU SONHO**

No final da década de 1990, Lindolfo inicia uma oficina teatral no Colégio Estadual Presidente Costa e Silva, *O projeto A escola que eu tenho e a escola que eu sonho*. Durante a semana ele ministrava suas aulas curriculares e aos sábados conduzia o trabalho com seus alunos, ao aproximar-se das apresentações utilizava também do intervalo escolar.

As ações consistiam em trazer para o ambiente escolar técnicas do teatro e aplicá-las na comunicação do conhecimento. Não importa se o aluno participava dos jogos ou apenas observava um espetáculo, dentro da sala de aula podia-se utilizar para gravar na memória do aluno um determinado tema, através de dinâmicas eram levados a uma melhoria para seu relacionamento em grupo ou para levá-los, através de um impacto emocional, a refletir sobre determinada questão moral.

A arte tem um poder ímpar de socializar as pessoas, mas a educação, a família e a escola, têm um papel fundamental na formação do cidadão também. Ela por si só, não serve para tirar ninguém do crime, ou das drogas, mas sim de socializar, de abrir caminhos sobre contexto social no qual as pessoas da comunidade e fora dela vivem, instigando um olhar crítico sobre a sociedade e a compreensão do melhor caminho a seguir na vida.

Através desse trabalho, os estudantes conquistaram prêmio do Ministério da Cultura e montaram um estúdio de gravação na escola, além de comprar equipamentos de sonorização para dar continuidade ao projeto.

Com o intuito de discutir a situação em que se encontrava o colégio, a partir das comparações entre a situação da escola quando muitos dos pais daqueles alunos estudaram lá, a atual situação naquele ano e o que todos vislumbravam no futuro, nós pudemos montar um teatro com trilha sonora e tudo. Essa experiência foi muito importante pra mim porque eu descobri que ali existiam bons músicos, compositores percussionistas, dançarinos e cantores...  
(Amaral, Lindolfo. Entrevista para o instituto recriando)

Lindolfo sempre acreditou na democratização da arte, desenvolvendo essa oficina num período em que não era tão corriqueiro aulas teatrais em escolas.

Segundo o estudioso Soares em suas afirmações, para se trabalhar com a Arte é necessário promover um diálogo entre o expectador e a obra. Fazê-lo entender, analisar, observar, perceber, distinguir, criticar e apreender o sentido da expressão artística.

Assim Lindolfo apropriava-se das experiências de vida dos alunos e do que eles tinham a oferecer dentro da proposta de suas aulas. As apresentações traziam ludicidade para a escola, além de trabalhar a autoestima daqueles jovens.

A experiência que tive no colégio Costa e Silva foi maravilhosa, desenvolvíamos atividades teatrais e sociais tendo o aprendizado da arte como referência e base para melhor entendimento de questões ainda não percebidas pelos adolescentes, que era o nosso caso, isso contribuiu de forma significativa, uma vez que, o objetivo também era nos tornar conscientes dos nossos atos naquela fase das nossas vidas...

(Leôncio André, Aracaju 24/02/2013)

Para Lindolfo Amaral as manifestações artísticas são, antes de qualquer coisa, instrumentos de sensibilização. Ele diz acreditar muito mais num processo de sensibilização de crianças e adolescentes do que em mudanças. Não crê que alguém conscientize a outra pessoa, mas cada um adquire a própria consciência ao longo do tempo e de acordo com o espaço no qual convive.

E partindo desta linha de pensamento Lindolfo conduziu este projeto, utilizando a bagagem que cada um trazia. Assim, eles podiam se auto avaliar. Questionar os próprios conceitos ou até mesmo afirma-los. É isso que acontece com crianças e adolescentes que passam por esse processo de sensibilização. Eles se tornam mais sensíveis às questões familiares e conseguem buscar soluções porque a cabeça deles está

mais aberta a pensar e agir.

### 3.2.2 II – OFICINA BRECHTIANA

Meu nome é Severino, não há outro de pia. Como há muitos Severinos que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria...

*Morte e Vida Severina.* João Cabral de Mello Neto

A oficina ministrada no teatro Lourival Baptista tinha como objeto final a montagem do espetáculo *Morte e vida Severina* de João Cabral de Mello Neto. A condução seguiu o Manual “Etapas para montagem segundo Bertold Brecht<sup>10</sup>”. Iniciando-se com a leitura e explicação do que seriam essas etapas. Através do estudo do texto o espetáculo começou a tomar forma com base no entendimento teórico.

Lindolfo procurou apropriar-se do modelo Brechtiano, porém na concepção de um espetáculo que traduzia a realidade nordestina, trazendo para o contexto dos alunos inseridos no processo. Usurpando da ideia central de Brecht que era conscientizar os jogadores das suas muitas possibilidades de ação para a transformação da realidade.

<sup>10</sup> O teatro épico de Bertolt exigia uma dramaturgia que lhe permitisse cumprir a função de conscientizar o público da luta entre classes sociais antagônicas no capitalismo. Brecht propõe a “quebra” da quarta parede.

Os Severinos de João Cabral, seriam todos nós, pessoas comuns, que nascem e morrem a todo tempo, mas pessoas que podem sonhar. Após mortes e desencontros, e situações previamente esperadas, nasce mais um “Severino”, o nascimento marca o ápice da peça, a esperança. Dentro do contexto dramático aparecem duas ciganas. A primeira narra sua vida dentro da perspectiva esperada, um futuro igual ao dos demais, sem melhorias. A segunda prevê um futuro melhor, vivendo não mais na lama como um trabalhador dentro de uma fábrica.

Enxergo daqui a planura da vida do homem de ofício, bem mais sadia que os mangues tenha embora precipício. Não o vejo dentro dos mangues, o vejo dentro de uma fábrica, se está negro não é lama e sim graxa da sua máquina, coisa mais limpa que a lama de pescador de maré, (...) E mais, para que não pense que em sua vida tudo há de ser triste vejo coisa que o trabalho talvez até lhe conquiste que é se mudar

desse mocambo. (Morte e Vida Severina. João Cabral de Mello Neto).



**Figura 8** (*Morte e Vida Severina*)

Desta oficina três ex-alunos foram entrevistados sendo unânime a narrativa de contribuição direta que Lindolfo Amaral proporcionou em suas vidas. Como diz Kamilla Vieira em seu discurso.

Você pode amar, pode odiar, mas nunca vai esquecer. Você pode discordar, você pode concordar, mas nunca vai passar por suas aulas sem de fato aprender. Lindolfo é daqueles professores que a gente nunca esquece, diversas vezes achava um pouco exagerada sua preocupação conosco, estudávamos tanto para uma apresentação simples. Lembro-me que ele estava apreensivo porque eu disse que não sabia se teria coragem de entrar em cena quando as pessoas estivessem lá, era um momento conturbado em minha vida e estava travada. Hoje quando olho para trás vejo que com Lindolfo não é preciso muito tempo, não é preciso que para aos olhos alheios tenha importância, Lindolfo Amaral sempre se preocupa com os alunos, de uma maneira bem única (talvez estranha), mas totalmente especial. Entrei em cena e fiz tudo que ele disse que acreditava que eu faria, foi um sufoco, mas meu professor-diretor estava lá, depois que entrei tudo se tornou simples, agora não quero mais sair do palco (risos).

(Vieira, Kamilla 12/02/2013)



Após o estudo do texto e leitura de mesa, Lindolfo passou para a escolha e distribuição de personagens. Preocupando-se em utilizar o que os atores tinham para oferecer, voz, corpo, enfim. Apropriar-se de tudo o que podia ao mesmo passo que os próprios alunos começavam a enxergar em si um potencial adormecido.

Segundo Helly Costa a arte é uma motivação para mostrar ao ser humano o que ele sabe. O ser humano precisa de arte e cultura para se inserir na sociedade.

Essa oficina me deu a oportunidade de crescer como pessoa e hoje eu tenho o maior orgulho em dizer que já fui aluna de Lindolfo Amaral, e se um dia eu pudesse gostaria muito de agradecer a ele o bem que ele me fez durante o tempo em que eu estava longe de casa, que mesmo sem saber estava me dando chão num momento tão peculiar. Ali passei a enxergar as coisas com outros olhos, passei a ter o senso crítico mais aguçado. Posso afirmar que durante a oficina e depois passei a ter um contato maior comigo mesma e a me aceitar da forma como sou e a explorar mais o meu potencial em diversos campos da minha vida, eu acredito que através do teatro, o adolescente adquire uma consciência do mundo e da vida e abre os olhos para o que está em torno dele

(Moraes ,Cleidiane 14/02/2013)

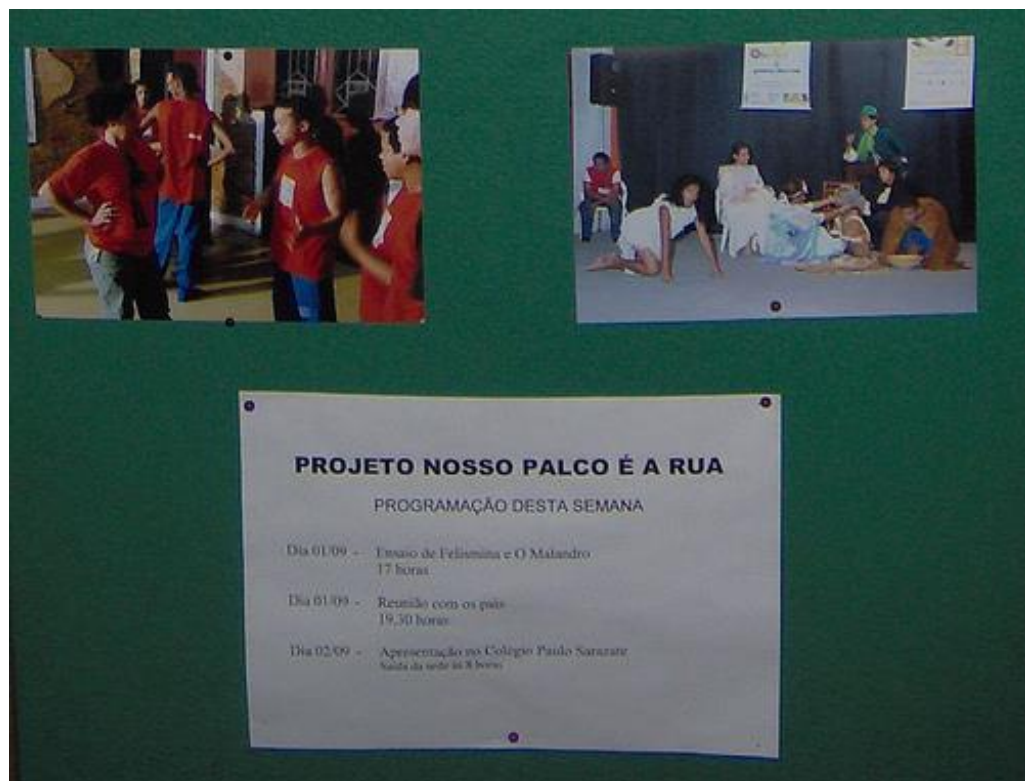
### **3.2.3 II – NOSSO PALCO É A RUA**

Acredito que através do teatro, o adolescente adquire uma consciência do mundo e da vida e abre os olhos para o que está em torno dele...

Lindolfo Amaral

Em 1991 o grupo Imbuça começou a dar os primeiros passos para a formação de projetos sociais, com uma brincadeira aos domingos com as crianças da comunidade onde o grupo estava inserido (Bairro Industrial), criou-se o Mané Preto. Tendo o teatro

como um meio de transformação social. Em 2005 Lindolfo escreve o Projeto “Nosso Palco é a rua”. Onde o teatro passou a ser o fim e não apenas o meio.



**Figura 9 (Mural interno sede do Imbuça)**

O Projeto “Nosso Palco é a Rua”, foi de conhecimento e divulgação social através de Jornal (televisivo) e principalmente nas escolas públicas de Aracaju e imediações do Bairro Santo Antônio, através de folders de divulgação. O projeto teve Lindolfo não apenas como proponente, mas como coordenador geral, e também no quadro de professores em aulas teóricas sobre cultura popular. Coordenação pedagógica de Manoel Cerqueira e como Psicóloga Maria Lúcia Oliveira. O corpo de professores era formado por Iradilson Bispo (História do Teatro), Isabel Santos Neves (Jogos dramáticos/Improvisação teatral), Valdelice Matos -Tetê Nahas - e Antônio Santos (Corpo/Voz). Foram ofertadas quarenta vagas, onde, formariam duas turmas, cada uma seria composta de vinte alunos, uma no turno matutino e a outra noturna. As inscrições foram abertas para adolescentes estudantes da rede pública, com idade entre 16 e 21anos. Mas a flexibilidade de Lindolfo permitiu que dois alunos da rede particular também participassem. Acontecia duas vezes por semana, nos dias de segunda e quarta-feira, com duração de quatro horas, cada encontro, divididos em dois momentos. Além

das aulas ministradas na sede do grupo os alunos foram oportunizados a ter um contato maior com a arte.



**Figura 10** Projeto *Nosso Palco é a rua*. Aula de Iradílson Bispo

A perspectiva de Lindolfo Amaral era formar atores conscientes, assim dentro do cronograma do curso os alunos puderam conhecer a vários espetáculos teatrais, em festivais como o encontro cultural de laranjeiras que os alunos foram conduzidos. Além de transporte o projeto viabilizava também as refeições que teriam de fazer nessas viagens. Alguns finais de semana eram destinados para a apreciação artística nos teatros Atheneu, Tobias Barreto e Lourival Baptista. Muitos dos alunos nunca haviam entrado em um teatro. Após assistir aos espetáculos, a aula decorrente era voltada para a discussão do que se havia assistido, e a elucidação de muito do que foi apreciado. A condução de Lindolfo servia como reforço para o entendimento dos alunos.

Os projetos não foram feitos para cobrir problemas sociais, mas sim contribuir sistematicamente para a formação do indivíduo, através de oficinas, palestras, debates que apontem soluções para resolver esses problemas, e que papel importante cada pessoa poderá ter na sua comunidade, seja social ou artisticamente.

Falando mais diretamente sobre o teatro, Lindolfo acredita ser uma ferramenta de grande capacidade de sensibilização porque ela discute e provoca reflexões sobre a vida. Se o teatro é a imagem do homem e da vida em cena, ele pode sim trazer as mais

diversas questões para o debate. E quando essas questões são colocadas diante de crianças e adolescentes, você faz com que eles adquiram uma determinada consciência. Dessa forma, o teatro pode ser um instrumento de transformação na medida em que faz refletir, por exemplo, as condições de vida de determinada comunidade a partir de conteúdos e temáticas propícios a reflexões. Através dos cursos de arte principalmente e de teatro oferecidos a crianças e adolescentes podemos perceber que os alunos mudam completamente a maneira de ver o mundo.

Os alunos também foram inseridos no projeto “Meu primeiro emprego” do governo Federal, onde por três meses receberam um salário mínimo, além da bolsa de 25,00 que recebiam como auxílio transporte.

O projeto foi finalizado com a montagem do espetáculo “Diário de Bordo”. A proposta do tema foi lançada pelo próprio Lindolfo Amaral, “patrimônio material e imaterial”, que antes elucidou e norteou aos alunos teoricamente. A dramaturgia foi construída pelos alunos sob a orientação dos professores, através de improvisações, numa relação entre teoria e prática. As apresentações finais ocorreram em três lugares: colina do Santo Antônio, Mirante da treze de julho e na Praça Fausto Cardoso, centro de Aracaju.

### **3.3 II – ALUNOS QUE FORMAM ALUNOS**

#### **3.3.1III – LINDOLFO E A UNIVERSIDADE FEDERAL**

Em 2003 Lindolfo tornou-se professor da Universidade Federal de Sergipe no curso de Licenciatura em artes visuais, onde ministrava as disciplinas “História do Teatro” e “Encenação Teatral”, onde também desenvolveu o trabalho de extensão com o Grupo Experimental de Teatro, montando os espetáculos “Antígona” (2003) e “Um bolero para a noite” (2005).

O grupo experimental destacou-se no âmbito artístico naquela época. O intuito era realizar pesquisas e trabalhos na área do teatro, junto com a comunidade.

Dois nomes de peso no tocante as artes podem ser destacados deste momento da vida de Lindolfo, que outrora foram alunas de Lindolfo Amaral no curso de Artes Visuais. Maira Magno, uma pessoa de destaque na dança do Ventre do Estado de Sergipe e Carolina Naturesa, hoje professora do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal De Sergipe.

Lindolfo Amaral foi um dos responsáveis pela consultoria da Universidade Federal de Sergipe, para o curso de Licenciatura em teatro, onde posteriormente tornou-se professor. Lecionava as disciplinas História do teatro, Estudo do texto dramático, estudo do texto dramático brasileiro, entre outras.

Como professor da Universidade pode contemplar seus ex-alunos de oficinas ou até mesmo da Escola que lecionou, tornando-se professores de teatro aptos a lecionar nas escolas, como professores curriculares de arte.

A grade curricular implantada no início do curso, atualmente tem sofrido algumas modificações e provavelmente ao decorrer dos anos continue sofrendo. Como o próprio Lindolfo afirmou quando disse que não existe a grade ideal e talvez nunca exista.

### **3.3.2 II– SEMENTES QUE DÃO FRUTOS**

Um questionário foi aplicado para que pudesse tentar compreender o impacto das aulas de Lindolfo Amaral na vida de seus alunos, da importância e de possíveis mudanças, foram feitas oito perguntas que serviram apenas como base para o entendimento da pesquisa.

Segundo a Organização das Nações Unidas, “um projeto social é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades inter-relacionadas e coordenadas, com o fim de alcançar objetivos específicos dentro dos limites de um orçamento e de um período de tempo dados.  
(ONU 1984)

Através dos questionários, foi possível perceber que hoje, estes “ex-alunos”, preservam uma relação de respeito e de muita consideração, pois, fazem questão de enfatizar a procedência de sua formação artística. Que os objetivos traçados quando Lindolfo projetou suas oficinas, projetos, aulas e cursos foram alcançados. Alguns alunos, que não seguiram carreira artística também destacam a importância das aulas de artes na sua vida pessoal. Um projeto, para ser realizado com êxito, exige um planejamento, boas estratégias para alcançar os objetivos e tem a função de resolver o problema proposto, levando em consideração o espaço onde ele será desenvolvido, para quem está sendo direcionado, quais recursos serão necessários e onde serão obtidos e finalmente, a avaliação do resultado.

O uso do teatro como ferramenta pedagógica ganha cada vez mais espaço em projetos sociais, algo que Lindolfo ao lado do Grupo Imbuça vem desenvolvendo ao longo de sua história. Segundo Narciso Telles o teatro ganha, além de sua dimensão de educação estética, a dimensão sócio-política por possibilitar o acesso da maioria da população a bens simbólicos restritos apenas às classes dominantes, desencadeando um processo de democratização da cultura e ampliação da cidadania.

O colégio Escola Estadual Presidente Costa e Silva conheceu Lindolfo como professor de ensino formal e através do projeto *A escola que eu tenho e a escola que eu sonho* que teve sua relevância e um papel importante na vida social dos alunos, após ganhar prêmio do Ministério da Educação o colégio continuou com o projeto durante alguns anos. Ao falar de Lindolfo seus ex alunos recordam deste projeto com muito carinho e unanimemente dizem ter contribuído em sua formação como cidadãos, mesmo nos que não participaram diretamente, mas ao assistir as produções desenvolvidas por eles.

As vezes o simples fato de estar assistindo uma peça feita por meus amigos era uma festa, além de pararmos para refletir sobre os temas que eles traziam. Alguns professores aproveitavam para passar trabalhos em cima daquelas peças.  
(Gomes, Jéssyca 17/2/2013)

Da oficina Brechiana um grupo teatral foi formado, o “Catabambos”, que durou aproximadamente três anos tendo a sua vida interrompida devido a desencontro dos

atores. O “Catabambos” tinha visão político-social, suas montagens eram pautadas em temas como exploração da mão de obra infantil. Questionavam e provocavam a quem assistia a seus espetáculos. Durante seus três anos de duração, foram montados três espetáculos. Dos quais o que mais se destacou foi: Pátria que me pariu. Usurpando-se do cotidiano o grupo satirizou a realidade violenta da atual sociedade e da exploração das crianças.



**Figura 11 Foto da apresentação Pátria que me pariu (acervo pessoal)**

Herdando consciência social de seu grande mestre, o grupo também ministrava oficina, como por exemplo no dia de ação social da Faculdade Sergipana (FASE). A proposta do grupo era de intervenção teatral, de inquietação diante de fatos que despertam a reflexão da sociedade. Bebendo do teatro épico de Brecht, porém tendo intensão de despertar aos expectadores e não somente aos atores, diferenciando-se assim da proposta do teatro didático. Uma das suas atrizes Kamilla Vieira teve a oportunidade de viajar para o estado do Ceara com outro grupo, a fim de utilizar a arte como transformação social ao lado da JOCUM (Jovens com uma missão). Um grupo de atores cristãos que levam reflexões através da arte, grupo este que posteriormente a atriz Caroline Loureiro viajou por estados do Sul do Brasil, onde concluiu em Remancito (Paraguai) um trabalho sócio- evangelístico através do ensino e apreciação do teatro.

O projeto Nosso Palco é a rua também “formou” um grupo teatral. O Boca de Cena, dirigido por Rogerio Alves. Nascido no dia 17 de Setembro de 2005. Seguindo os passos do seu “pai”, o grupo Boca de cena passou a observar toda a organização artística e pedagógica do Grupo Imbuça.



**Figura 12 (Rogério Alves)**

O grupo também nasceu herdando essa sensibilidade social, e assim como o Grupo Imbuça “invadiram” um espaço público a fim de iniciar seus projetos de cunho social.

Como descreve o blog do grupo:

O projeto “**Salto para a vida**” propõe uma alternativa à sociedade sergipana, especificamente ao Bairro Jardim Centenário, tendo como mediador o **Grupo Teatral Boca de Cena** que ocupou o antigo Arquivo do Posto de Saúde Onésimo Pinto/24 horas, localizado no Bairro Jardim Centenário na Av. Radialista José da Silva Lima S/nº transformando-o em um “**Espaço Cultural**” para o desenvolvimento de atividades artísticas (música, teatro, dança, artesanato) estimulando um diálogo com a comunidade já citada. O espaço foi revitalizado através de apresentações de espetáculos, atividades internas do Grupo Teatral Boca de Cena (ensaios, reuniões, encontros) e atividades aberta à própria comunidade tais como: aula de aeróbica, artes integradas (oficina de teatro, danças folclóricas, artes visuais) capoeira, Break e bordado.

O grupo no tocante a dramaturgia e interpretação também seguiu a linha de teatro de rua, seu primeiro espetáculo baseou-se na cultura popular. *Folclore na cabaça*,



onde muitos folguedos e mitos eram apresentados numa dramaturgia que envolvia o público. Para Rogério Alves, a montagem, ao mesmo tempo em que propõe, permite que o público tenha contato com um conhecimento mais aprofundado sobre cultura popular, ele acredita que a linguagem proposta pelo espetáculo fortalece o vínculo com este, e assim mantém a tradição da nossa cultura. A “manutenção” da cultura popular, preservada pelas novas gerações de artistas. Lindolfo não só contribuiu na formação profissional dos artistas do grupo, como os ajudou nos primeiros passos do grupo, abrindo espaço para eles no festival brasileiro de teatro de rua, organizado pelo grupo Imbuça.

Podemos observar que dos cursos de teatro específicos para formação de atores foram gerados grupos teatrais, com linguagens diferentes bebendo das fontes que estudaram. Lindolfo Amaral conduziu a oficina Brechtiana sozinho, sendo responsável pelas aulas e montagem do espetáculo. O grupo formado tinha visão política, seguia a inquietação do teatro político, assim como O Boca de cena seguiu a literatura de cordel.

A metodologia de ensino da prática teatral estava voltada para jogos teatrais e exercícios com cenas espontâneas. O diferencial dos dois cursos além da linha (Política ou Cordelista) foi o fato de uma seguir um texto previamente estabelecido, e o outro (além de ter vários professores) a dramaturgia foi construída pelos aspirantes a atores.

Como já citado, uma das marcas de Lindolfo está na preocupação do estudo, teoria, prática, entendimento cênico.



**Figura 13: ( *Folclore na cabaça* )**

O grupo Boca de Cena como “agente multiplicador”, além de seguir a linha que seu mestre Lindolfo Amaral tanto se apropria, o grupo também possui a ânsia por ser “instrumento de transformação”. Após saírem do espaço inicial, que acima citado o grupo continuou a desenvolver projetos socioculturais. Com o projeto Ocupando, recriando e educando, através de editais de cultura continuam a oferecer oficinas para a comunidade, desta forma o projeto que Lindolfo elaborou em 2005 (que formou esses jovens) continua dando frutos, como uma geração que gera outras que futuramente irá gerar outras. Se não fosse o projeto de Lindolfo, eles não teriam seguido por esse caminho, seriam qualquer outra coisa, como pode-se perceber em seus discursos.

Lindolfo Influenciou na paixão que tenho hoje por Teatro de rua, pelo “lutar” pela existência de um grupo de teatro – Grupo que faço parte Boca de Cena – além de Impulsionar para o estudo de teatro de rua de das manifestações folclóricas principalmente as do Estado.

(Alves, Rogério 12/02/2013)

Em 2013 o grupo teatral Boca de Cena remontou o espetáculo Folclore na cabaça, com mais experiência e maturidade. Porém, sem abandonar seu pé nas raízes culturais.



A oficina teatral pode conceder liberdade pessoal e igualdade. Quando um indivíduo de qualquer idade reconhece que está prestando uma real contribuição a um projeto, sem autoritarismo, ele se torna liberto para dar rédeas ao seu humanismo e a se relacionar com os que o cercam.

(Spolin, 1979. p. 251)

Ser agente ativo e não passivo, encarar as aulas de uma maneira autônoma.

Fosse na escola dentro do ensino formal ou numa oficina, fosse num curso de curta ou longa duração, Lindolfo conseguiu fazer com que seus alunos tornarem-se integrados ao processo.

Uma parte de seus alunos tornaram-se professores de teatro, distribuídos em escolas particulares e alguns que já assumiram como efetivos do Estado (SEED), após serem aprovados em concursos públicos. Outros, que mesmo continuando seus trabalhos artísticos migraram sua formação acadêmica para outras áreas, como é o caso de Luiz Antônio do grupo Boca de cena, que formou-se em administração.

#### **4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o material recolhido nessa pesquisa (relato de ex alunos, descrição de oficinas) foi observado o papel de Lindolfo Amaral como arte educador e de sua relevância para a democratização do ensino de teatro na cidade de Aracaju. Como o processo de aprendizagem através da linguagem artística pode contribuir como instrumento educacional, servindo tanto como um “apoio pedagógico” ou tendo fim em si mesmo, visto que arte e cultura podem ser ensinadas. A presente monografia apontou a fomentação de ideias de jovens ao serem oportunizados por Lindolfo Amaral, pessoas que de certa maneira eram leigas no tocante a arte e tornaram-se artista. Foi possível observar também jovens que não seguiram as artes somente na vida acadêmica ou profissional, mas dentro da própria comunidade, interagindo, trocando informações a cerca de qualquer assunto tendo-a como ferramenta principal. O ensino da arte na escola ainda está longe de ser o ideal, assim como a democratização desta, diversos projetos são executados tentando preencher essa lacuna, Lindolfo Amaral, aqui apresentado como um destes nomes. Alguém que utilizou o teatro em suas variáveis. Como

professor de Cultura Sergipana, onde a arte e cultura eram apreciadas através de outro projeto em que seus alunos do ensino formal podiam ter contato com grupos folclóricos contextualizando suas aulas dadas em sala, com alunos de teatro dentro da escola, como professor e coordenador de um grupo de aspirantes a atores, no projeto Nosso Palco é a rua e com estudo específico de um diretor teatral Bertold Brecht.

Ter um nome próximo como referencial para esta pesquisa foi uma pertinente, pois assim é possível entender que as coisas podem acontecer que elas não estão no campo da utopia. A importância do papel da arte, cultura e da educação, no diálogo entre ambas, na apropriação de uma para o alçando da outra. Mesmo que a educação ou a arte não transformem o mundo imediatamente, mudam muitas realidades através do processo de cidadania. Vivemos numa sociedade regida por um sistema conflituoso, mas não podemos deixar de produzir.

Como citado, Lindolfo Amaral conseguiu alcançar seus objetivos enquanto educador porque acreditou na potencialidade do que estava fazendo, tornando-se não somente um professor que marcou seus alunos, mas alguém que fez acontecer, que teve coragem. Após espelhar-se em seu próprio percurso de vida, oriundo de família humilde que para assistir espetáculos entrava sem pagar no teatro, recriou a de muitos outros jovens. Através de projetos que ele mesmo escreveu e de incentivos a jovens talentos e grupos, tornou-se um nome relevante no ensino de teatro em Aracaju.

## 5 – REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALVES, Rogério Santos. O Projeto Artístico como ferramenta educacional para a produção de cidadania: O caso do projeto *NOSSO PALCO É A RUA*. Laranjeiras/Se, 2010. Monografia

BISPO, Alessandra Barbosa *Fundamentos históricos da educação* Série Bibliográfica UNIT EAD Aracaju 2009

BRANDÃO, Rodrigues Carlos *O que é educação* São Paulo: Editora brasiliense Coleção Primeiros passos 1981

DELGADO, Lucila de Almeida Nevez. *História oral: memória, tempos, identidades*. Belo Horizonte, MG : Autêntica, 2006.

FONTES, Aglaé D'Ávila Fontes. Cartilha Cultural Laranjeiras. Projeto Educação Patrimonial, IPHAN – SE. Aracaju, 2009

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca do teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino de teatro*- São Paulo: Papirus Editora, 2008

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional *6ª edição* Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Atualizada em 25/10/2011.

PARÂMETROS curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997.

SOARES, Alexsandro Rosa. *A importância da arte para a socialização*. In: <http://www.rieoei.org/opinion42.htm>. Acessado em 16/02/2013

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. (tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos) – São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

TELLES, Narciso. *Pedagogia do teatro e o teatro de rua* Porto Alegre: Editora Mediação 2008

### **Sites consultados:**

Sobre Lindolfo Amaral:

[http://www.centrocultural.sp.gov.br/dramaturgianordestina/saiba\\_mais\\_mesa\\_7.htm](http://www.centrocultural.sp.gov.br/dramaturgianordestina/saiba_mais_mesa_7.htm)

acessado em 12/03/2013

Entrevista de Lindolfo Amaral para o instituto recriando:

<http://www.institutorecriando.org.br/ler.asp?id=12560&titulo=Entrevista>

Sobre o grupo teatral Boca de Cena

<http://bocadecenase.blogspot.com.br/> Acessado em 3/03/2013

